

MAPA DAS REBELIÕES DXS OPERÁRIXS DA INDÚSTRIA.

CIDADE INDUSTRIAL-CONTAGEM-2023



SOBRE OS ARTISTAS E AS IMAGENS

MARIA DO CARMO DE FREITAS VENEROSO

A linguagem afastar-se-á do consenso, e exprimirá o desejo e a imaginação.

Abdul Varetti¹

Dentre as provocações que motivaram a proposta do tema “Memórias do futuro”, para este número da Revista da UFMG, estão os trabalhos de quatro artistas/escritores: Randolpho Lamonier, Sara Não Tem Nome e a dupla formada por h.henras e Daniel Protzner. Eles foram convidados a apresentar as obras que compõem a narrativa visual da Revista, tratando de questões relacionadas ao passado/presente/futuro e suas interseções, em trabalhos que dialogam entre si. Randolpho Lamonier apresenta suas Profecias, Sara Não Tem Nome, Urgência das Ruas e Futuro Fóssil, e h.henras e Daniel Protzner, o poema Ultrapassado.

Todos eles, a partir de pontos de vista distintos, especulam sobre o futuro. Randolpho, através das “profecias”, antevê a possibilidade de um futuro utópico, Sara mostra um futuro distópico, h.henras e Daniel Protzner apontam para uma impossibilidade de futuro.

Profecia tem origem no latim cristão profhetia, do grego prophethéia ‘predição, profecia, dom da profecia, explicação dos livros sagrados pela inspiração do Espírito Santo’. Trata-se de um relato, religioso ou não, que pretende fazer a previsão de acontecimentos futuros. Através de suas “profecias”, Randolpho Lamonier, prevê um futuro utópico, com a dissolução de desigualdades, e no qual acontecimentos idealiza-

1 Abdul Varetti é um personagem/autor fictício, criado pelo artista e escritor português Álvaro Lapa, na série de bordados sobre Iona As profecias de Abdul Varetti, escritor falhado, de 1972.

dos e improváveis se transformam em realidade².

Tal qual as profecias de Lamonier, memórias do futuro também lança uma provocação, sobre a possibilidade de sabermos o que acontecerá no futuro, como se lá estivéssemos. Fala, poeticamente, da imaginação e de desejos, tal qual o artista, que nas suas Profecias sugere que questões prementes da atualidade poderiam vir a ser solucionadas no futuro próximo. Estamos sempre na busca por respostas relacionados ao futuro, tal qual o homem na antiguidade, que buscava na leitura dos céus, (que pode ser considerada a primeira forma de escrita), uma resposta para suas dúvidas, indagações e aflições. Ou até mesmo nos “ossos do oráculo”, escápidas de boi ou cascos de tartaruga, que traziam gravadas, depois de terem sofrido a ação do calor, marcas que eram interpretadas como previsões do futuro. Assim, tal qual em um oráculo moderno, Lamonier lança mão da sua arte para falar de seus desejos utópicos, em estandartes que trazem bordados e aplicações, além de cordas e objetos variados, sobre tecido e plástico, com frases tais como: “Guerreirxs guarani kaiowá vencem luta por sua terra ancestral – 2034”.

Em uma época tão sombria, tão incerta, como a atual, porque não sonhar, e através de nossos sonhos e desejos, vislumbrarmos um futuro mais claro e menos claustrofóbico que o presente. É também através do desejo, que podemos propor e encontrar saídas para um mundo melhor, um futuro mais promissor, menos caótico, menos belicoso...

Por outro lado, Sara Não Tem Nome apresenta uma visão menos otimista do futuro. Em Futuro Fóssil, ela aborda questões sociais e políticas, com foco nos problemas ambientais, tais como o descarte inadequado de resíduos plásticos e metálicos que seriam os fósseis do futuro, um legado da nossa sociedade. Já Urgência das Ruas é uma série fotográfica desenvolvida pela artista desde 2011 em várias cidades brasileiras, por meio de câmeras analógicas e digitais. Trata-se de uma espécie de diário das cidades, apresentando uma paisagem urbana a partir de recortes de palavras e imagens, capturadas do ambiente da cidade. São diferentes vozes, anônimas, que chegam

2 Cf. VENEROSO, Maria do Carmo F. Armadilhas visuais: as ‘profecias’ de Randolpho Lamonier. In: XXIX Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa. Arte e Cultura na identidade dos povos. Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa - AULP, 2019. v. 1. p. 167-178.

até nós de forma poética e enigmática, abrangendo fragmentos do cenário político, econômico e social do Brasil. Nas palavras da artista, em um poema que acompanha a série: “Um clima de tensão assola as cidades. Todos estão à espera. Não sabemos o que há por vir. As certezas se tornaram instáveis. O passo impensado é perigoso. Ora caminhamos sobre ovos, ora sobre pregos. As escolhas se comprimem, não há lugar para estagnação. Transitamos entre o desejo impetuoso e a apatia imóvel. O agora é fugaz. O tempo urge”.

h.henras, em *Ultrapassado*, trabalha com jogos de palavras, em um poema que remete à poesia concreta e a poetas como Affonso Ávila, na maneira como a palavra é abordada, pelos seus aspectos semânticos e também como uma matéria plástica, visual. O poema foi divulgado através dos seus versos pixados, e posteriormente fotografados, nos muros da cidade, com a colaboração de Daniel Protzner, entre 2013 e 2015. Ao passarmos pelas ruas da região da Pampulha, em Belo Horizonte (MG), encontrávamos frequentemente frases anônimas escritas nas paredes, que atraíam nossa atenção, por tratarem de forma perspicaz e poética questões como a passagem do tempo. Esse é o caso do poema *Ultrapassado*, cujos versos podiam ser vistos em diferentes locais, como demolições, muros, paredes, tapumes, pontos de ônibus, portões, em uma narrativa fragmentada, mas cuja conexão apontava para o poema como um todo. Todos esses locais escolhidos como suportes para os versos têm em comum o fato de serem efêmeros e remeterem de alguma forma à passagem do tempo, tal qual o poema. O muro em demolição, onde um verso foi escrito, estava lá e em seguida não estava mais; o mesmo ocorria com os tapumes, que seriam retirados, descortinando uma nova edificação; o ponto do ônibus, lugar de passagem, um não lugar. Assim, o próprio local escolhido como suporte agrega sentido ao trabalho, criando novas camadas de significação.

É assim, através de utopias, distopias e sonhos, que esses artistas/escritores fazem comentários sobre o mundo e a sociedade atual, com obras propositivas, que dialogam com os artigos da Revista, enriquecendo e contribuindo para o resultado final, no qual texto e imagem se complementam.

Os artistas/escritores

Randolpho Lamonier nasceu em 1988 em Coronel Fabriciano, MG. É bacharel em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (2018). Circula entre diversas linguagens e mídias em seu trabalho, tratando de questões identitárias, no nível individual e coletivo, através de uma abordagem micro política. Tem participado de diversas mostras e residências no Brasil e no exterior e seu trabalho integra importantes acervos e coleções.

Sara Não Tem Nome nasceu em 1992 em Contagem, MG. É graduada em Artes Visuais e mestranda em Artes na Escola de Belas Artes da UFMG. Transita entre diversas linguagens artísticas, entre elas a música, a performance, a fotografia, o cinema e as artes visuais. Participou das residências artísticas da Bolsa Pampulha e da Red Bull Station. Suas obras integram os acervos do MAP – Museu de Arte da Pampulha, MAR – Museu de Arte do Rio, Casa do Olhar Luiz Sacilotto e Coleção Red Bull.

h. henras nasceu em 1980 em Belo Horizonte, MG. Ele busca na materialidade da língua os elementos que compõem seus poemas, relacionando estes aspectos ao contexto vivencial de si e de seus leitores.

Daniel Protzner nasceu em 1978 em Belo Horizonte, MG, onde vive e trabalha. É fotógrafo e artista visual e seus ensaios refletem sobre o meio ambiente a partir de intervenções na paisagem, criando narrativas para a câmera fotográfica.

Referências

VENEROSO, Maria do Carmo F. Armadilhas visuais: as ‘profecias’ de Randolpho Lamonier. In: XXIX Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa. Arte e Cultura na identidade dos povos. Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa - AULP, 2019. v. 1. p. 167-178.

